

IP



LAPSUS

PUBLICAÇÃO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA BAHIA
2011



BA

EDITORIAL

Em 1987, Jacques Alain Miller fundou o Instituto do Campo Freudiano (ao qual o Instituto de Psicanálise da Bahia - IPB é associado), definindo-o como uma Instituição parauniversitária, na qual o saber está no posto do comando. Situou, dentre seus objetivos, a tarefa de ensino e investigação.

Nesta vertente, cada Instituto deverá ser, segundo Miller, o lugar onde o talento predomina, assim como o trabalho teórico, a competência intelectual e a pesquisa. Sobre esta orientação, Elisa Alvarenga afirma que, neste espaço, se desenvolvem as vertentes epistêmica e clínica da formação do analista, sem perder de vista que esta formação se dá, em primeiro lugar, na própria análise.

Em consonância com estas orientações, a diretoria do IPB, a partir do ano de 2013, abre as portas para aqueles interessados em formalizar sua relação com o Instituto, instituindo a categoria de "Associado" do IPB. Este ato acolhe a transferência com a seção Bahia e com psicanálise de orientação lacaniana do Campo Freudiano, dando um espaço legítimo para cada associado desenvolver seus estudos e pesquisas em psicanálise trilhando, assim, a sua própria via de formação.

Nesta edição, conversamos com Analícea Calmon, Diretora do IPB, sobre esta mudança, o resultado deste diálogo vocês podem conferir em uma nota na Janela Informativa. Apresentamos também, o texto de Vera Lúcia Veiga Santana sobre a função do dinheiro em psicanálise; o trabalho de Nilton Cerqueira preparado a partir da Conferência de Marcos André Vieira, na abertura dos trabalhos da EBP- BA e IPB . Ellen Freitas aborda o tema da transferência no CPCT e Wilker França com seu texto toca numa temática muito discutida no cenário político nacional e AMP.

Na Janela Informativa temos também , Bernardino Horne que tece comentários sobre a aula inaugural do IPB ministrada por Analícea Calmon e Célia Salles comenta sobre a reorientação teórica do Curso de Especialização do IPB. Na Janela Cultural o filme *Amour* é comentado por Lucy de Castro e então, finalizamos a primeira edição do ano com a inspiradora poesia “Digo Sim” escrita por Ferreira Gullar.

Ethel F. Poll

SUMÁRIO

EDITORIAL	1
Ethel F. Poll	
TEXTOS	3
O Lugar e a Função do Dinheiro na Psicanálise	3
Vera Lúcia Veiga Santana	
Perspectivas do Seminário ... Ou Pior : Notas da Aula de Marcus Andre Vieira	6
Nilton Cerqueira	
Algumas Observações sobre a Transferência em Psicanálise	8
Ellen Freitas	
Sou a Psicanálise e o Discurso Totalitário não me Representa!	10
Wilker França	
JANELA INFORMATIVA	13
Sobre os Associados do IPB	13
Analícea Calmon	
De Lacan a Freud: Percurso do IPB no Ano de 2013	14
Bernardino Horne	
Reorientação Teórica do Curso de Pós Graduação do IPB	14
Célia Sales	
JANELA CULTURA	15
Lucy de Castro	
POESIA	17
Digo Sim	
Ferreira Gullar	

TEXTOS

O Lugar e a Função do Dinheiro na Psicanálise

Vera Lúcia Veiga Santana

O Lugar do dinheiro na Psicanálise é a posição que ele ocupa na conjunção dos dois termos da pulsão: significante e libido. A sua função é colocar em causa a relação do sujeito com a demanda e o desejo.

Freud, ao falar da condição do dinheiro na psicanálise, sustenta que poderosos fatores sexuais acham-se envolvidos no valor que lhe é atribuído, e nos adverte que em uma primeira instância o dinheiro não deve ser considerado como meio de auto-preservação e nem de obtenção de poder.

Na psicanálise, assim como na economia política, dinheiro e capital não são do mesmo estatuto. Capital é um conceito abrangente, inclui todo bem econômico susceptível de ser aplicado à produção e gerar renda. O valor desse bem é o tempo de trabalho socialmente necessária à sua produção.

Lacan recorre à economia política para fazer equivaler a Mais-Valia ao objeto Mais-de-Gozar, enquanto objeto perdido,

produto do trabalho do significante sobre o gozo, renúncia ao gozo pelo efeito da linguagem. Na psicanálise, diferentemente da economia política, o dinheiro não servirá de base às trocas, mesmo quando em análise substitui os objetos (a) propriamente ditos: o seio, as fezes, o pênis, o que não é suficiente para constituí-lo como equivalente geral desses objetos.

A psicanálise revela que o lugar do dinheiro é a posição que ele ocupa na conjunção dos termos da pulsão, o significante e a libido. Esta foi definida por Freud como uma grandeza quantitativa das pulsões que se manifesta na vida psíquica da pulsão sexual e não tem representação no inconsciente. O que se encontra da pulsão recalcado e cifrado no inconsciente é o seu representante

representativo: *Vorstellungsrepräsentanz* que é da ordem do significante. A libido é apreendida na sua manifestação dinâmica como satisfação, embora apareça no sonho e no sintoma trazendo desprazer para o

sujeito. É o gozo do sintoma. Resiste ao deciframento e a abandonar o sintoma. Os significantes da pulsão são atualizados na transferência, via demanda de amor, interpretação e dinheiro.

As funções do dinheiro na psicanálise são: Necessidade, Demanda, Desejo, Poder e Gozo. A necessidade do dinheiro é basilar: morar, vestir, comer, passear, viajar. Ela pede um objeto particular e existe como registro no homem. Quando se torna imperativa: há que se comer para não morrer, passa aos registros da demanda e do desejo. No primeiro caso, há um chamamento ao grande Outro da demanda primordial, demanda de amor que testemunha a própria falta: “amar é dar o que não se tem”.

A demanda por dinheiro será ou não um sinal de amor. Se for uma demanda do Outro, como acontece com o pedido das mães para que a criança lhe ceda as fezes, será um sinal de amor. Mas se for ofertado, essa característica se perde, a não ser que se dê o dinheiro que não se tem. No nível do desejo, o dinheiro entra em circulação marcado pela falta, substitui o objeto que representa a castração.

Quanto ao poder, o dinheiro poderá ser signo no sentido daquilo que representa algo para alguém, mas também poderá ser

símbolo já que recebe a marca fálica. O dinheiro e tudo que ele permite comprar representa o gozo do haver, envelopando a castração, facultando a ilusão de que tudo se pode com o dinheiro. Lacan diz que o rico é inanalizável, já que para ele nada falta, tudo pode. O gozo do dinheiro é a sua libidinização no ser falante, o fator sexual propriamente dito que é da ordem da pulsão. Se o dinheiro é a metáfora da falta implicada no desejo, o desejo é a metonímia do dinheiro provocando o deslocamento de um objeto a outro.

Dinheiro envolve poderosos fatores sexuais. Quando um analista cobra, demonstra que algo do desejo do analista é amodável, que ele não está ali interessado em fazer do analisante um objeto do seu gozo, de pesquisas ou experiências clínicas. O cobrar dá provas de que a análise está colocada dentro de um laço social e que o analista vai contra o gozo do sujeito cobrando e não se submetendo ao seu fantasma, mostrando-lhe não gozar dele. O dinheiro na análise tem uma função de pára-gozo.

As respostas às questões do dinheiro, assim como às do sexo, são sempre individuais. Num sujeito neurótico, o sintoma propicia dois tipos de benefícios à sua economia libidinal. O primário, que se

constitui em uma fuga para a doença. É a solução mais conveniente quando há conflito mental. Envolve economia de esforço psíquico, e o sintoma se apresenta como uma satisfação libidinal substitutiva. O secundário está diretamente vinculado à questão do dinheiro, benefício pecuniário. O caso de alguém que sofreu um acidente ficou aleijado passando a viver de mendicância. Nega-se a qualquer possibilidade de cura para não perder o benefício. O sintoma entra na intersubjetividade e o sujeito lucra com isso.

Segundo Freud, a resistência em abrir mão do gozo na doença, é a mais poderosa e provém do inconsciente. Ela impede os efeitos terapêuticos da análise. O sujeito resiste a pagar com dinheiro e a largar a segurança do sintoma onde a sua libido está investida.

Na análise, o sujeito paga por essa transferência do sintoma para o analista. Para esse sujeito o sintoma é um lugar seguro, enquanto o analista é um Outro sem garantias, mesmo que ele detenha o reconhecimento da comunidade analítica, alcance as melhores indicações e a efetiva suposição de saber.

Ao fazer o analisante pagar, o analista revela que não está ali por amor, por sacrifício, ou por ideal, mas para fazer ver

ao analisante que o analista é o depositário de suas histórias. Ao analista ele paga com dinheiro e à vista o preço devido por tê-lo constituído como cofre precioso de seus males e bens.

Não cobrar significaria entrar na tragédia do analisante. O analista o faz pagar por sua tragédia tirando com isso o corpo fora da jogada.

Mas o analista também paga e nos três registros. No simbólico, com palavras, a interpretação; no imaginário, com a sua pessoa, entregando-se aos fenômenos decorrentes da transferência; e no real, com o seu ato de anular-se como sujeito no faz de conta de ser objeto (a).

Finalmente podemos dizer com Freud que nada na vida é tão caro quanto a doença estabelecendo que o preço da análise possa equivaler ao preço da doença. Cada analisante tem o seu preço e o analista não pode ter preço fixo, pois isto seria situar a sua práxis no registro da prestação de serviços, no registro do “time is Money” e não no registro da libido.

Referências Bibliográficas:

- 1) Martin, Pierre: “Dinheiro e Psicanálise” – Revinter - Coleção Freudiana – No.10 – Rio de Janeiro, 1997.
- 2) Quinet, Antonio: “As 4+1 Condições da Psicanálise” – J.Z.E.- Rio de Janeiro, 1991.

Perspectivas do Seminário ...*Ou Pior*:

Notas da Aula de Marcus Andre Vieira

Nilton Cerqueira

A seção Bahia da EBP iniciou suas atividades com uma aula de Marcus André Vieira (EBP-RJ) sobre os pontos cruciais do Seminário XIX, que trabalharemos em 2013. Desta intervenção, registramos algumas notas.

Neste seminário, são construídas as *fórmulas da sexuação*, que definem a posição fálica e o que a excede, a partir do um e da diferença. Como contar um? Como iniciar uma série? Do que se conta numa análise, o que conta? Lacan se serve da matemática por permitir uma abstração do que se conta, esvaziada do sentido naquilo que é contado.

Tomaremos o ‘casamento gay’ como tema para discussão a partir do seminário, pois a psicanálise é convocada aí a assumir posição. Articularemos então algumas passagens:

O título ...*ou pior* indica (p.11-2) não “o pior”, mas um “pior que”. Trata-se de “alguma coisa que acontece”, ou pior. (...) é o lugar vazio onde podemos inventar coisas, marca de um furo a ser ocupado de várias maneiras, ou pior. Neste lugar, situa-se o

“não há relação sexual”, que não significando “falta da relação que deveria haver”, é índice de um impossível desta relação, ou um “pior que”. É isso que permite à linguagem a possibilidade de deslocamento. No fundamento da linguagem, há algo que “diz que não” à relação sexual e sustenta esse lugar vazio. É nesse furo fecundo, como o impossível da programação natural entre um sexo e outro, que nos sustentamos na posição de analistas.

Há uma tese, defendida por alguns psicanalistas ao se inscreverem no debate sobre o casamento gay de que, sem a passagem pelo Édipo, o gozo seria desenfreado, pois sem que haja transmissão da castração, não haveria a cessão de gozo necessária para a abertura ao social. Essa tese é resultado da logificação do Édipo empreendida por Lacan, reduzindo-o a lugares e posições.

O Seminário reitera que só há homens e mulheres em um discurso, mas para destacar que isso não basta para dar conta do real do sexo e sustentá-lo em cada um, a cada vez que experimenta encontros e

desencontros. Os termos discursivos aí não são garantia. A tentativa de estabelecer uma equivalência entre a polaridade ativo/passivo como partição bissexual não se sustenta. As mulheres são mais ativas que os homens, como se ilustra no fato do caçador ter que se submeter à caça, pois tem que se virar com ela, segui-la, saber da sua atividade.

A experiência de Freud, que já havia questionado, através da descoberta da perversão polimorfa infantil, a heterossexualidade, foi logicizada por Lacan numa via que o levou a situar a mulher “entre dois”, “*entre o centro e a ausência*” (p.117). É na contingência que a mulher assume o *centro* (posição fálica), de vez em quando, ou de escape, *entre centro e ausência*, ou seja, a sexualidade é tomada aí como posições de gozo. Uma central, como identidade alicerçada por um gozo localizado, que equivale à posição masculina, viril, de “ter” o falo.

O falo funciona aí como divisor de águas entre as duas maneiras de experimentar a sexualidade: uma do lado homem, na qual ele “tem” a chave, e pode perdê-la ou não saber usá-la, e há um Outro que detém esse saber, e a outra maneira, experimentada como um gozo que escapa, do lado da mulher, que não “tem” o falo, e para quem a chave é fugidia, e um Outro

tem que levá-la até ela. Entre uma maneira e outra, se transmite a castração.

Nesta distinção das posições de gozo, Lacan não retorna à anatomia, nem tampouco faz do discurso uma garantia. E agora então, como firmar aí um ponto de fixação singular?

Para cernir este elemento, Lacan serve-se da matemática, distinguindo três níveis de Uns: O primeiro nível do um, o *uniano* (que aspira a união), entre o um e o dois, enquanto casal formado por homem e mulher, não se garante.

O segundo nível do um, entre o zero (não tem) e o um (tem), remete ao pai, enquanto termo que, por procuração, lá fora, vai explicar a coisa, o que implica uma posição em relação a outro um, numa via fálica, suposta, sustentada por uma identificação produtora de sentido sexual.

O terceiro nível do um, que interessa à psicanálise, é o *há-um* que pode sustentar o laço do casamento e que se opõe ao um *uniano* da classe universal, do “eu sou ...” como um “faço parte...”. Trata-se do um da teoria dos conjuntos, que se produz na contingência da análise como S1 do espanto, acontecimento singular, fora-de-sentido. É o *há-um* que sustenta a certeza produzida na matemático-análise, realizada, a cada vez, como ato que sustenta o laço.

O que é a psicanálise? Lacan afirma ser o balizamento “do que se compreende de obscurecido, do que se obscurece como compreensão, em virtude de um significante que marcou um ponto do corpo” (p.145). Algo marca o corpo. Trata-se do *há-um* como balizamento dessa coisa, como pontos de fixação.

A partir desta sustentação no que há de singular, no *há-um*, é possível pensar o casamento gay como podendo engendrar um ser que se conte.

Referência Bibliográfica:

LACAN, Jacques. O Seminário, Livro 19. ... ou pior. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 2012.

Algumas Observações sobre a Transferência em Psicanálise

Ellen Freitas

Sabe-se que o termo transferência é coexistente à Psicanálise e que em “Observações sobre o amor transferencial” (1911-1913), Freud aponta que a transferência é regida pela resistência. O que pode ser chamado de “pedra angular” da psicanálise é o que advém do conteúdo recalçado do analisando e que, no percurso de uma análise, irá auxiliar a direção do tratamento.

Num primeiro momento, compreende-se que o investimento libidinal do analisando se volta para o analista, o que, para Freud, relaciona-se à imago parental, ao modo de amor infantil. Mesmo que estas alusões sejam conscientes ou inconscientes, são elas que designam a transferência, fazendo com que algo do passado retorne ao

presente. A tentativa de que este material não emerga é causa maior de resistência, afinal, reviver os protótipos edípicos é também uma maneira de operar experiências traumáticas.

Em “Recordar, repetir e elaborar” (1914), Freud dirá: “É natural que em primeira linha nos interesse a relação desta compulsão de repetição com a transferência e a resistência. Logo notamos que a transferência mesma é somente uma parcela de repetição, e que a repetição é transferência do passado esquecido, não só para o médico, mas para todos os âmbitos da situação presente”.

Adiante, Lacan irá reputar que a transferência é a mola mestra para o percurso da análise, na qual se entra nela

pela porta do amor. Mesmo sendo fonte de resistência, é através dela que pode aparecer o sujeito do inconsciente.

Lacan (1964), no Seminário XI, dirá que o Inconsciente é formado por uma rede de significantes e que a “transferência é o meio pelo qual se interrompe a comunicação do inconsciente”, nos mostrando que Freud tinha total legitimidade quando se referia à transferência como resistência, pois pode ocasionar o fechamento do inconsciente. Logo, aparece aqui, como uma barreira para o êxito do tratamento, já que, indubitavelmente, há uma prevalência do registro imaginário. O analista deve se furtar em atender a demanda do analisante, numa tentativa de que o mesmo consiga enfraquecer o imaginário e adentrar na transferência numa vertente simbólica, motor fundamental para o sucesso de uma análise.

É em 1960, no Seminário “A transferência”, que Lacan diz que o que de fato pode interessar aos analistas sobre o amor é o que dele se pode considerar e perceber na transferência: amor ao saber e a posição do analista em relação a esse saber. O autor explanará e oferecerá auxílio sobre a noção de amor, apontando que “No começo da experiência analítica foi o amor”. Através do Banquete de Platão, indica o que ocorre

na transferência, apontando que, no início, de um lado há o amante (*érastès*) e do outro o amado (*érôménos*), ou seja, o que está do lado da falta, e o outro que pode representar o “ter”. Aqui, o analista ocupará o lugar do Outro, lugar simbólico, que orienta o sujeito em relação ao desejo, pois é do lado do amante, da falta, que o analisando pode desejar.

Tratando-se de uma neurose, de um lado há um paciente que supõe ao analista o lugar de saber sobre o seu sofrimento, inserindo-o na condição de Sujeito suposto Saber (SsS), numa circunstância própria do simbólico. Desse lugar, o analisando inquire sobre o desejo do Outro e, assim, faz emergir suas identificações através dos significantes. Pela transferência, o analista identifica o investimento libidinal do analisando.

Então, pensando na transferência como mola mestra para o tratamento analítico e que é ao longo de uma análise que ocorre a passagem de uma transferência imaginária à simbólica, como podemos nos guiar sobre a transferência no CPCT entre praticante e analisando?

Depois de instaurada, como desfazê-la quando o tempo cronológico oferecido pela instituição termina? Que fazer do paciente que teve seu gozo cernido pelo

praticante, venceu suas resistências e que está inserido no tratamento colocando o mesmo no lugar de SsS?

Este trabalho e indagações são inclinações de um neófito sem qualquer pretensão de dar esclarecimento, que faz uso da própria experiência analítica como fonte de suas inquietações.

Referência Bibliográfica:

FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud 1911 - 1913. Rio de Janeiro. Ed. Imago, 1996.

LACAN, Jacques. O Seminário, Livro 8. A transferência. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 1960-1961.

LACAN, Jacques. O Seminário, Livro 20. Mais, ainda. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 1982.

Sou a Psicanálise e o Discurso Totalitário não me Representa!

Wilker França

“Talvez haja entre nós o mais total interdito
Mas você é bonito o bastante
Complexo o bastante
Bom o bastante
Pra tornar-se ao menos por um instante
O amante do amante”

Caetano Veloso - *Amor mais que discreto*

Há pouco tempo a França passou por uma forte discussão da lei que versa sobre os casamentos entre pessoas do mesmo sexo biológico e a adoção de filhos por esses casais. Rapidamente alguns setores conservadores da sociedade se mobilizaram contrários as essas formas de casamento e muitas vezes utilizaram o nome da psicanálise para fundamentar seus argumentos.

No Brasil as coisas não estão muito diferentes. Mesmo o Supremo Tribunal ter reconhecido por unanimidade em 2011 a união estável de pessoas do mesmo sexo anatômico, a discussão não está esgotada. Muitos dos protestos, seja contra ou a favor do casamento para todos, ganham força na medida que o Deputado e pastor Marco Feliciano assume a Comissão de Direitos Humanos do Brasil.

O deputado é conhecido por ter feito declarações nada simpática às causas dos negros e dos homossexuais. Muitas manifestações ocorrem no Brasil e em diversas redes sociais a frase “sou (...) e o pastor Marcos Feliciano não me representa” é propagada. Foi feito inclusive um beijaço com várias entidades representativas e artistas no qual a atriz Fernanda Montenegro beijou outra atriz na boca para dizer que o referido pastor não a representa.

Essas são algumas das declarações do referido pastor: "Africanos descendem de um ancestral amaldiçoado" (twitter do próprio deputado, @marcofeliciano); "Não sou racista. É uma questão teológica (...) O caso do continente africano é sui generis: quase todas as seitas satânicas, de vodu, são oriundas de lá. Essas doenças, como a Aids, são todas provenientes da África" (Marco Feliciano em declaração ao site UOL Notícias, 31/03/2011). “A podridão dos sentimentos dos homoafetivos levam ao ódio, ao crime, a rejeição”, (twitter também do próprio deputado, @marcofeliciano)... “Não aceito as atitudes homossexuais em espaço público” (Marco Feliciano em declaração à revista Época, 31/03/2011).

E como ocorreu na França, algumas vezes o discurso totalitário tenta se utilizar

do discurso psicanalítico para embasar suas argumentações. No programa *De frente com Gabi* exibido no canal de televisão SBT, no mês de Fevereiro, o pastor Silas Malafaia cita Freud para defender as morais e os bons costumes de uma família nos moldes tradicional.

Na verdade o que está em foco é a discussão sobre o modelo tradicional de família. Mas o que de fato a psicanálise, em especial a de orientação lacaniana, tem a dizer sobre isso? O fato de casar dois homens e duas mulheres é negar a diferença sexual?

Na França, Miller defendeu veementemente que os psicanalistas podem ter qualquer opinião em relação ao casamento entre pessoas do mesmo sexo biológico, entretanto, o discurso da psicanálise não pode ser utilizado para fundamentar os argumentos contrários ao projeto de lei na França. Em seu texto *Casamento homossexual: esquecer a natureza*, Miller (2013) diz:

Nada na experiência analítica atesta a existência de qualquer relação de harmonia preestabelecida entre os sexos (...) Contudo, definitivamente, o que o inconsciente grita, a plenos pulmões, dizia Lacan, é que a relação sexual não existe.

Ou seja, o modo de gozo não encontra fundamento no par edípico pai-mãe, mas na descoberta de que não existe relação sexual. O falo torna-se então um instrumento particular que serve simplesmente para marcar o fracasso dessa relação. Nesse sentido: todos castrados.

Miller (2013) ainda cita o poeta Paul Claudel para abrir uma discussão além dos modelos tradicionais: “Há outra coisa a dizer às gerações futuras além desta palavra enfadonha: ‘tradição’”.

O que ele tenta demonstrar, inclusive pelo título do seu artigo, é que a diferença simbólica não está relacionada à anatomia. A função paterna, importante teorização de Lacan, destaca uma função e não atributos característicos da biologia.

Laurent (2013) no *Lacan Cotidiano* de nº 284 afirma que:

“(…)o modo como as posições Gays e Lésbicas não se prestam a ser reduzidas a uma identificação massificadora. Muito pelo contrário, os novos direitos a serem obtidos poderão ser utilizados para

precisar a particularidade das escolhas de cada um desses sujeitos. Esse é o poder das leis quando são bem feitas : elas permitem a todos, uma por uma e um por um, perseguir seu próprio caminho, para além dos sonhos de conformidade com uma Lei reduzida à norma comum ou comunitária.”

As leis não são imposições, do tipo ‘todos os homossexuais devem casar’, mas permissões de que, caso duas pessoas do mesmo sexo biológico escolha casar, essa sua escolha particular lhe será outorgada. Dessa forma, poderíamos concluir que os discursos totalitários e universais são contrários às propostas da psicanálise e a transmissão da diferença não está pautada na natureza e nem no triangulo familiar tradicional.

Referência bibliográfica:

- MILLER, J-A. *Casamento homossexual: esquecer a natureza*. Opção lacaniana n.10., 2013. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_10/Casamento_homossexual.pdf>. Acesso em: 29/03/2013.
- LAURENT, E. As homossexualidades femininas para além do Édipo. *Lacan cotidiano* n.284, 2013. Disponível em: <www.lacanquotidien.fr>, Acesso em 29/03/2013.

JANELA INFORMATIVA

Sobre os Associados do IPB

Analícea Calmon

Da proposta de Lacan, quando do seu ato de fundação da Escola Francesa de Psicanálise, em 1964, entendemos que a sua Escola seria constituída de membros, que ali teriam a sua formação garantida e, ao mesmo tempo, seriam responsáveis pela formação e sustentação da Escola, através das suas contribuições financeiras, que representariam o investimento de um desejo decidido pela causa analítica.

Ao longo dos anos subseqüentes, foram criadas algumas denominações, tais como: correspondente, aderente e participante, para justificar a inserção, na Escola, daqueles que não eram membros. Entretanto, no cenário das diversas seções da Escola, no Brasil, essas denominações, desde que foram criadas, vem sendo motivo de interrogações, por não parecerem suficiente ajustadas ao contexto da Escola de Lacan, o que tem suscitado certo desconforto.

O que se tem feito até então para solucionar este problema, tem sido a substituição de uma denominação por outra, cujo efeito é um deslizamento de significantes que, ao invés de solucionar, produz uma sustentação desse desconforto, com a marca da repetição.

Neste ano de 2013 a diretoria do Instituto de Psicanálise da Bahia, considerando a relação “moebiana” Escola/Instituto, destaca, dos estatutos deste último, a categoria “associado” e propõe, que “associado do instituto” seja a condição para que, aqueles que não são membros da Escola, possam ser acolhidos num espaço legitimado para a formalização e a sustentação do seu desejo pela causa analítica

De Lacan a Freud: O Percurso do IPB em 2013

Bernardino Horne

Analícea Calmon, Diretora do IPB, pronunciou na quarta-feira 26, as palavras de abertura das atividades do Instituto para este ano. Com o título “Do atual ao original”, caracterizou a nova perspectiva dos programas de ensino, onde começamos pelo último ensinamento de Lacan, o atual, que hoje vemos e tratamos na clínica, para logo remontarmos à origem da psicanálise momentos fundantes nos quais Freud vai elaborando a teoria a partir da experiência clínica, quer dizer, de poder escutar e ler nas palavras do analisante não apenas a raiz de seus problemas, mas também a possibilidade de construir uma teoria sobre o aparato psíquico e seu funcionamento. Desta

maneira, Lacan, em seu famoso retorno a Freud - e se é necessário retornar, é porque dali se havia saído - propõe a primazia da ordem simbólica. Analícea vai a 1895, quando Freud trabalha o modelo da cebola e as formas de avançar e as resistências que se opõem à penetração nas profundezas psíquicas, para o qual é necessário atravessar as camadas da cebola, no sentido de alcançar o núcleo patogênico centrado no coração do sistema. Há uma ordem em tudo isso, disse Freud, marcando o ponto de partida na ordem buscada e que Lacan verá na ordem simbólica. O atual é Lacan, a origem é Freud, e nesse sentido colocamos o vetor de trabalho deste ano no IPB.

Reorientação Teórica do Curso de Pós-graduação IPB

Celia Salles

Nos dias atuais, com as mudanças pedagógicas apontadas para o estudo baseado em problemas, não podemos entender outra forma de transmitir a psicanálise que não seja iniciando pelo

trabalho com o Lacan da clinica dos gozos, da clinica dos nós, do real, uma clinica na qual há que se trabalhar caso a caso, como cada um faz seu sinthoma com os pedaços

de simbólico e as modalidades de imaginário de que dispõe.

A Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública que chancela nosso curso, imprime em todos os seus cursos o ensino baseado em problemas. Na nova orientação do curso de especialização em Teoria da Psicanálise de Orientação Lacaniana, trata-se mais de uma mudança, na orientação pedagógica, do que em sua grade propriamente.

Uma orientação que visa a responder à psicanálise hoje e tem como objetivo iniciar o programa de estudo pelos problemas clínicos atuais, as apresentações atuais do mal estar subjetivo, os quais Lacan

se dedicou a entender em seu último ensino.

Assim, começamos o programa pelo ensino do Últimíssimo Lacan, por "Há o Um", privilegiando o Real e nos aproximando da clínica de nossos dias, onde as histéricas já não se apresentam com as roupagens de antes, mas se apresentam mais como as primeiríssimas histéricas de Freud, fazendo uma aproximação do Últimíssimo Lacan e do primeiro Freud, o Freud das neuroses atuais, das histéricas que Lacan, no Seminário 23, denomina de rígidas. Nesta nova orientação do programa, as formações do inconsciente serão contempladas e mescladas com o ensino do Últimíssimo Lacan

JANELA CULTURAL

Lucy de Castro

AMOR



Nova York não acompanhou Los Angeles na escolha de *Amor* (*Amour*, 2012), filme do diretor austríaco **Michael Haneke**, como o melhor filme do ano. Teve indicação de cinco Oscars, mas não levou a estatueta.

Desempenhado magistralmente por Jean-Louis Trintignant, 82 (Georges) e Emmanuelle Riva, 85 (Anne) o filme é uma crônica sobre o Amor em sua mais genuína expressão em contraponto com o Morrer, com dignidade. A história aborda de forma realista o drama de Georges e Anne, um casal de idosos, a partir da irrupção de um AVC em Anne. Em uma manhã o diálogo entre os dois é interrompido: Anne fica parada, o olhar perdido, enquanto Georges que, de início, pensa tratar-se de uma brincadeira da mulher inquieta-se e tenta reanima-la. Esta cena, no início do filme, causa impacto no espectador e dura o tempo imensurável em que, no sujeito, o real faz um giro sobre o imaginário, produzindo pura angústia.

Anne tinha apresentado uma “obstrução da carótida” tratada sem sucesso à qual sucedeu o derrame. E é essa nova realidade tão comum em nossos dias, onde

os afetos são postos à prova a cada minuto, que, numa interação perfeita, diretor e atores idosos, reproduzem aos mínimos detalhes e encontram ressonância no espectador: o constrangimento e vergonha que Anne sente por depender inteiramente do outro para se mover; o empenho de Georges em deixá-la à vontade (poderia ser eu! ele diz); *Você promete que não me leva ao Hospital?* Anne reivindica. À filha que não aceita a realidade, Georges interroga: “*o que você sugere?*”. (...) “*é assim que as coisas são, não há outra possibilidade*”. Ante a insensibilidade das cuidadoras, Georges assume toda a responsabilidade, e o amor vai se manifestando de forma crescente à medida que, em Anne, restou da linguagem apenas “*Dói...*”.

A insistência do Pombo em entrar no apartamento faz enigma, mas entendo que, ao cumprir o prometido a Anne (não deixá-la morrer no Hospital), Georges realizou um Ato de AMOR em sua conexão com a Ética. Lacan dirá que o “ato é uma estrutura onde o objeto é ético e o sujeito subvertido”. O ato depende inteiramente da contingência, nada

o faz necessário, nada o torna impossível.
Cessa de não se escrever.

O filme é imperdível.

Brodsky, Graciela, *in Short Story*, citando Lacan em
o Sem 15).

POESIA

Digo sim

Ferreira Gullar

Poderia dizer
que a vida é bela, e muito,
e que meu coração
é um sol de esperanças entre pulmões
e nuvens
Mas não. O poeta mente.

A vida nós a amassamos em sangue
e samba
enquanto gira inteira a noite
sobre a pátria desigual. A vida
nós a fazemos nossa
alegre e triste, cantando
em meio à fome
e dizendo sim
- em meio à violência e a solidão dizendo sim –
pelo amor e o que ele nega
pelo que dá e que cega
pelo que virá enfim,
não digo que a vida é bela
tampouco me nego a ela:
- digo sim.

Convidamos os Associados do IPB a compartilharem com LAPSUS suas ideias, seus temas de investigação e interesse. Os trabalhos poderão ser enviados para o e-mail de LAPSUS: lapsusibp@gmail.com

Submissão de Trabalhos:

- O texto deverá vir com título, nome do autor e devidamente corrigido e revisado.
- Número de caracteres entre 2500 e 3000 com espaço.
- Fonte, Times New Roman, tamanho 12 e o espaçamento entre linhas 1,5.
- Informamos que os trabalhos com vinhetas ou casos clínicos serão analisados criteriosamente pela Equipe Lapsus antes publicação.

*Os trabalhos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião dos editores de LAPSUS. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate de questões diversas que transitam por aqueles que integram e frequentam as atividades do Instituto de Psicanálise da Bahia.

EQUIPE LAPSUS

Anderson Viana, Ethel Poll, , Laíz Rodrigues, Paula Goulart, Rogério Barros e Wilker França.

Consultores: Bernardino Horne e Ricardo Cruz